

A DIMENSÃO METAFÍSICA DA IRIDOLOGIA

Hélio Luiz Grellmann

Médico, Gastroenterologista Clínico
do Hospital Adventista de São Paulo
e da Clínica Adventista de São Roque, SP.
Participou como convidado da Semana de
Saúde do SALT-IAENE no 1^o semestre de 1997.

O olho sempre fascinou o ser humano, tanto do ponto de vista psicológico quanto clínico. Considerado como "Assento da Alma," foi freqüentemente mencionado pelos autores Bíblicos. Davi, por exemplo, enquanto subjugado ao fardo de culpas do pecado, disse, ao falar da condição de seus olhos, que "A luz dos meus olhos... já não está comigo" (SI 38:10)¹.

Constitui o olho um fantástico ponto de contato e mesmo de identidade pessoal. A medicina, desde longa data, tem-lhe atribuído considerável importância durante o exame físico. Nele podem ser observadas evidências (sinais) de ampla gama de enfermidades. Por exemplo: Doenças Obstrutivas da Árvore Biliar, Insuficiência Arterial, Hipertensão Arterial, Diabetes, Hipertensão Intracraniana, Neurofibromatose, Sarciodose e muitas outras. Diversas partes do olho podem evidenciar alguma dessas enfermidades; em vários casos, é na íris (porção colorida do órgão) que se pode observar as alterações, através de mudanças na pigmentação.

Ignorando os mecanismos fisiológicos que vinculam a patologia em diversos órgãos (ou do organismo todo) com as várias porções do olho, inclusive a íris, os iridologistas a dividem em noventa e seis zonas (além de múltiplas áreas menores) que, segundo eles, se relacionam com as diversas porções anatômicas do corpo. Estabelecem, então, os diagnósticos de acordo com a pigmentação dessas zonas. Azul significa saúde. Ao passo que cinza ou marrom implicam em doença. O método lança mão de equipamentos bastante simples, como uma lupa comum, ou de equipamentos um tanto sofisticados.

Jessica Maxwell, autora do livro *The Eye-Body Connection* (A Conexão Olho-Corpo), assegura que

A base da Iridologia é o reflexo neuro-óptico, uma íntima associação entre os cerca de 500 mil filamentos nervosos da íris com o gânglio cervical do sistema nervoso simpático. O reflexo neuro-óptico transforma a íris numa tela orgânica que monitora as impressões de todo o corpo, à medida que estas aparecem.²

Certamente a íris se acha conectada ao sistema nervoso simpático, mas não há qualquer base anatômica ou fisiológica para atribuir-lhe a função de centro

¹ Edição Revista e Atualizada no Brasil (ARA).

² "What Your Eyes Tell You About Your Health," *Esquire*, Janeiro de 1978.

nervoso do corpo. E ainda, muito menos a capacidade de funcionar como registro permanente dos eventos de saúde/doença da pessoa, ou até mesmo de seus ancestrais, como se pretende. Relato, neste contexto, uma dentre várias experiências pessoais. Há pouco tempo conversava comigo uma senhora. Contou-me que, uns meses antes, fora visitar o oftalmologista para uma avaliação de rotina. Não conhecia o profissional, e esta era sua primeira consulta com ele. Sem qualquer preocupação em anotar previamente a história clínica do paciente, colocou-a em posição de exame e, segundos depois, passou a "ler" sua história na íris. Afirmou que ela já fora submetida a seis intervenções cirúrgicas. Especificou exatamente quais haviam sido essas cirurgias e as datas em que ocorreram. Tudo exatamente como, de fato, acontecera na vida dessa senhora. Será que a íris possui realmente a capacidade de "registrar" tais eventos, inclusive datas de intervenções?

Tenho observado que a "precisão diagnóstica" dos iridologistas é altamente variável. Em geral é muito baixa, quase ridícula, por parte dos "mal iniciados," e chega a ser bastante alta por parte dos que se acham verdadeiramente comprometidos com a prática. É um resultado confirmado por estudo interessante, levado a efeito em 1979 pelo prestigioso *Journal of The American Medical Association (JAMA)*. Conduzido pelo Dr. Allie Simon e outros, pretendeu avaliar de modo honesto a precisão diagnóstica da iridologia, tendo em vista evitar fatores relacionados com o contato pessoal. Foram utilizadas apenas fotografias do olho para avaliação. Escolheu-se a doença renal porque esta é uma zona proeminente na iridologia, e também porque a função renal pode ser medida com bastante precisão através da depuração da creatinina (exame combinado de sangue e urina). Três iridólogos e três oftalmologistas examinaram as fotos da íris, decidindo com base nesta informação se os pacientes apresentavam ou não doença renal.

Para cinco dos seis observadores, o nível de acertos foi menor do que a chance do acaso (ou seja, qualquer leigo, com base apenas em "palpite," poderia ter melhor nível de acertos). Já o sexto observador, experiente iridólogo, conseguiu 95% de acertos na seleção dos pacientes com insuficiência renal grave. O grande problema foi que ele também atribuiu doença renal a 88% dos pacientes normais! Portanto, a sua aparente precisão decorreu do fato de ele atribuir doença a praticamente todos os pacientes. É fácil eu diagnosticar quais pacientes, em determinado grupo, apresentam certa enfermidade, se afirmar que todos no grupo a apresentam. Em resumo, neste experimento a iridologia, tomada em conjunto, fracassou em diagnosticar a doença renal em 75% daqueles que eram enfermos.³

Mencionei há poucos parágrafos que a precisão diagnóstica da iridologia

³ Allie Simon, et. al., "An Evaluation of Iridology," *Journal of the American Medical Association*, 242:1380-1389.

pode chegar a ser muito alta – por volta de cem por cento, isto preocupa ainda mais do que os fracassos do método. Se não existe razão científica (anatômica/fisiológica) para justificar a habilidade diagnóstica da iridologia, poderia existir uma razão metafísica?

Infelizmente, sim. Ela aparece claramente neste comentário do Dr. Carter: “Habilidades intuitivas entram aqui em ação... Constatemos que tais habilidades constituem apenas uma progressão das habilidades conscientes de um indivíduo... uma espécie de hiper-consciência ou **ultraconsciência**.”⁴

De onde, ou de quem procede tal estado de ultraconsciência (estado que ultrapassa qualquer nível de percepção que a mente humana normal consegue atingir)? Kurt Koch, em seu livro *The Devil's Alphabet* (O Alfabeto do Demônio), é bastante contundente na avaliação do método:

Muitos de nossos curandeiros e praticantes do ocultismo usam o diagnóstico pela íris como Ferramenta Mediúnica, e não médica. Isso significa que seu único interesse pela íris é para estabelecer contato mediúnico. Neste sentido, o olho humano serve para um propósito psicométrico da mesma forma como a mão serve para a prestidigitação... Em virtude disso, tais diagnosticadores são por vezes muito bem sucedidos. Na verdade, alguns deles, com pouco ou nenhum treinamento médico, chegam a 100% de precisão diagnóstica.⁵

A iridologia finca, definitivamente, suas raízes no ocultismo. Tabletes de pedra encontrados na Ásia Menor já retratavam a íris em seu suposto relacionamento com o restante do corpo. Tais tabletes foram obra dos caldeus babilônicos, longamente conhecidos por seus vínculos com o ocultismo.⁶ Também é mais que coincidência que a íris seja dividida em noventa e seis compartimentos. É exatamente este o número de divisões do “chakra terceiro olho” da aura e do sistema ocultista de “energia externa” do hinduísmo. Vale a pena conhecer um pouco mais a respeito dessa relação.

No livro *Intermediate Studies of the Human Aura*, Djwal Kul⁷ apresenta o conceito de “aura” ou “campo externo de energia” em bases supostamente científicas, afirmando:

Em anos recentes, através da fotografia de Kirlian e de experimentos com plantas, cientistas têm postulado a teoria dos campos-L como sendo a ‘cópia heliográfica’ da vida e um campo de força energética que pode ser observado e fotografado tanto através de instrumentos científicos quanto por esse método fotográfico especial, que não utiliza câmeras nem lentes... O homem acha-se no limiar da descoberta do **Eu**

⁴ E. M. Oakley, “Your Eyes Reflect Your Health”, *New Realities*, vol.2: nº 3, 50 (grifo suprido).

⁵ Kurt Koch, *The Devil's Alphabet*, 38 e 39.

⁶ Warren Peters, *Mystical Medicine*, Hartland Institute, 51.

⁷ Este intrigante autor parece ser ninguém menos que uma notável potestade satânica. Creio que um dos mais elucidativos trabalhos a respeito de sua identidade é o livro de Will Baron, *Enganado Pela Nova Era* (Tatuf, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996).

Superior.⁸

O sistema da aura baseia-se na teoria de que

cada objeto acha-se envolvido num campo de energia magnética, que atua como um meio de relacionamento com outras energias presentes no ambiente circundante. Esse campo de energia magnética é composto de **sete raios** relacionados com as glândulas do sistema endócrino. A harmonia e equilíbrio de cada indivíduo e o grau e qualidade de cada um desses elementos podem ser constatados ao se observar a aura tanto subjetivamente, como conseguem fazê-lo algumas pessoas 'sensitivas,' ou objetivamente, utilizando-se um tipo especial de vidro, conhecido como tela de Kilner.⁹

Percebemos, de imediato, que esses **não** são conceitos fisiológicos, apesar de um emaranhado de expressões de cunho aparentemente científico aqui utilizadas. Chama a atenção que pessoas "sensitivas" conseguem fazer o mesmo que supostamente é obtido por "aparelhos científicos." Na verdade, uma pessoa acentuadamente "sensitiva" é capaz de "observar" a "aura" de outra pessoa até mesmo sem vê-la, e a muitos quilômetros de distância. Nada fisiológico!

Os sete "raios" do campo de energia magnética são nada mais, nada menos do que os sete "chakras" do hinduísmo. Quem, uma vez, expõe com surpreendente clareza tal mistura de conceitos pagãos associados a termos cristãos, é o já conhecido Djwal Kul:

Esses sete centros em seu ser são para a liberação da energia de Deus... Os sete centros constituem sete planos de consciência. Experimentamos a Deus diferentemente, em diferentes frequências... O que, pois, é digno de herdar a Deus? Somente Deus é digno de Deus. A menos que percebamos a nós próprios em Deus e **como Deus**, não nos consideraremos dignos de Deus. Portanto, o que herda a vida imortal é o imortal fluxo de Deus, que tornamos parte de nós através dos chakras.¹⁰

Conhecemos, de longa data, a blasfema pretensão, de parte do ser criado, de igualar-se ao Criador. Relacionada com a experiência humana, aparece pela primeira vez junto à árvore da ciência do bem e do mal. Afastando de vez qualquer dúvida que ainda pudesse restar, no tocante à origem da teoria dos "chakras," voltamos a mais um parágrafo do já mencionado Djwal Kul:

Retornamos à consciência absoluta de Deus através do chakra do terceiro olho, que possui noventa e seis pétalas. O terceiro olho, vibrando com o verde-esmeralda da ciência da verdade, oferece-nos o imaculado quadro de indivíduos, de civilizações, do padrão divino... O terceiro olho sempre lhe provê o imaculado conceito da 'cópia

⁸ Djwal Kul, *Intermediate Studies of the Human Aura* (Los Angeles: Summit University Press, 1980), 1.

⁹ Ann Hill, *A Visual Encyclopedia of Unconventional Medicine* (New York: Crown Publishers Inc., 1979), 46.

¹⁰ Djwal Kul, *Op. cit.*, 79 (grifo suprido).

heliográfica da vida,' bem como a discriminação para conhecer o bem e o mal.¹¹

É assim que chegamos ao ponto de perceber que "as noventa e seis pétalas do chakra do terceiro olho fornecem a "cópia heliográfica da vida," exatamente do modo como as noventa e seis zonas da iridologia fornecem o "diagnóstico da vida." As semelhanças são demasiado óbvias para que as ignoremos.¹²

A associação entre iridologia e outras práticas místicas, hoje aparentemente fora de uso, como a frenologia e o mesmerismo (ou magnetismo animal), é também muito clara. Sem me deter em traçar mais um extenso rol de evidências, prefiro reproduzir aqui a advertência exposta por Deus através de Sua mensageira:

Seus agentes [de Satanás] ainda pretendem curar a doença. Atribuem seu poder à eletricidade, ao magnetismo, ou aos assim chamados 'remédios de Simpatia.' Efetivamente, eles não são senão veículos das correntes elétricas de Satanás. Por esse meio lança seu encantamento sobre o corpo e a alma dos homens.¹³

Numa das advertências finais dirigidas por Deus a Seu povo na Escritura Sagrada, a ordem em relação a Babilônia é incisiva: "Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados, e para não participardes dos seus flagelos" (Ap 18:4).¹⁴ Não é seguro aproximarmo-nos dos métodos de Babilônia, para ver quão perto deles podemos chegar. Ao contrário, este é um tempo em que se requer, como nunca dantes, a mais completa separação.

¹¹ *Ibid.*, clichê 4.

¹² Warren Peters, *Op. cit.*, 52.

¹³ Ellen White, *Testemunhos Seletos* (Casa Publicadora Brasileira, 1956), 2:52.

¹⁴ ARA.